

DESTAQUE

ARTE CONTEMPORÂNEA

A arte africana está na moda e chegou à ARCOLisboa

Pela primeira vez, a grande feira de arte portuguesa dedica um foco a África, tentando captar um mercado para o qual Lisboa acredita poder ser porta de entrada. Há galerias de Angola e de Moçambique, mas também do Uganda ou da África do Sul

Isabel Salema

Cabe à angolana Paula Nascimento, a única curadora africana que até hoje conseguiu arrebatado um Leão de Ouro na Bienal de Arte de Veneza para o continente, organizar a nova secção dedicada a África na ARCOLisboa, a mais importante feira de arte contemporânea nacional, que junta 71 galerias de 17 países na Cordoaria Nacional até domingo. O prémio máximo atribuído há seis anos a Angola é considerado um momento-chave do crescendo de visibilidade da arte africana, considerou um estudo feito pela empresa Artprice, tendo pesado muito na escolha da curadora do programa África em Foco da feira portuguesa. “O interesse pela arte

africana está a crescer juntos dos curadores, dos colecionadores e das instituições culturais. O que nós fazemos é levar isso até ao mercado”, reconheceu ao PÚBLICO a espanhola Maribel López, que se estreia na direcção da feira de Lisboa, inaugurada ao final da tarde de ontem pelo primeiro-ministro, António Costa, que ali garantiu que 2019 “vai ser mesmo o ano em que o Estado vai voltar a adquirir arte contemporânea”, através do fundo de 300 mil euros prometido no ano passado.

Números gerais das transacções de arte no mercado lusófono não são conhecidos, afirma a curadora Paula Nascimento. Mas se os valores do mercado de arte africana são mais baixos do que os do mercado geral, acrescenta Maribel López, eles estão em crescimento. Em Abril, no último

leilão da Sotheby’s dedicado à arte africana, foram estabelecidos novos recordes para 11 artistas.

Já na sua quarta edição, a ARCOLisboa inclui em 2019 pela primeira vez galerias africanas, apostando numa especialização, à imagem da ARCOMadrid – responsável pela organização da feira lisboeta –, que tem um foco na América Latina. Entre as 52 galerias do programa geral, é possível encontrar cinco do continente africano: duas são angolanas, as outras dividem-se por Moçambique, África do Sul e Uganda. Há ainda uma sexta galeria, também angolana, que foi incluída na secção Opening, dedicada às galerias mais jovens. E ainda artistas africanos, ou afro-descendentes, principalmente angolanos, nas portuguesas Carlos Carvalho, Cristina Guerra ou Filomena Soares, bem



como nas estrangeiras Narrative Projects (Reino Unido), Sabrina Amrani (Espanha) e Zilberman (Alemanha). De Luanda chegam a This Is Not a White Cube, a Movart e a Jahmek; de Maputo vem a Arte de Gema, da Cidade do Cabo a Momo e de Kampala a Afriart. No total, representam cerca de 20 artistas.

A selecção foi um processo negociado, porque já começou um pouco tarde, explica ao PÚBLICO Paula Nascimento. Com a candidatura das galerias da lusofonia garantida, fizeram-se contactos para alargar a geografia à África do Sul, ao Zimbabwe e à Costa do Marfim. “A ideia era conseguir uma selecção diversa, quebrando a fronteira linguística, mas algumas já tinham o processo finalizado para outras feiras e acabaram por não estar disponíveis. A minha prioridade foi

trazer galerias do continente e não tanto galerias de Londres ou Paris que representam artistas africanos. Acho que chegámos a um número bom para uma primeira edição.”

Em Luanda e Maputo, diz Paula Nascimento, não existem muitas mais galerias comerciais que pudessem estar em Lisboa: a curadora estima que haja quatro na capital angolana e duas na moçambicana, enquanto na África do Sul existirão mais de duas dezenas. “Obviamente que os artistas e galeristas de Luanda e de Maputo conhecem o contexto lisboeta, passando alguns por aqui no seu caminho de internacionalização.”

Ser o centro do Sul

A artista portuguesa Ângela Ferreira, nascida em Maputo em 1958, é completamente a favor deste foco em



RUI GAUDÊNCIO

África da ARCOLisboa, onde mostra trabalhos na galeria moçambicana e na portuguesa Cristina Guerra. “Para mim, era maravilhoso se Lisboa tivesse uma feira de arte africana. Seria mesmo caso para perguntar: ‘Que fiz eu para merecer isto?’”

Das primeiras artistas portuguesas a interrogar a memória colonial no pós-25 de Abril, Ângela Ferreira diz que o tema de África está a dominar a cena artística. “Além das questões de género, o que está na moda é a arte que aborda os problemas de raça. E a ARCO, que é uma feira comercial, precisa de perceber as mais-valias dos sítios. Lisboa permite fazer conexões com tudo o que é África.”

A curadora Paula Nascimento diz que hoje “somos todos pós-coloniais”, mas há muitos artistas que querem falar de outras coisas além

Stand da galeria angolana This Is Not a White Cube, com obras dos artistas Patrick Bongoy e Januário Jano

das sequelas do colonialismo. Na ugandesa Afriarte, encontramos tapeçarias de Sanaa Gateja feitas com papel reciclado, enquanto na angolana Movart as fotografias de Keyezua, angolana que cresceu na Holanda, mostram um trabalho à beira do activismo feminista que aborda igualmente a questão dos refugiados. A feira tinha aberto há poucos minutos para os convidados especiais quando assistimos, nesta galeria, à venda por dois mil euros de uma instalação do são-tomense René Tavares, com a frase “*Only Colored Ideas*” inscrita, a um colecionador austríaco. Já na sul-africana Momo, os dese-

nhos feitos com faíscas do luso-angolano Pedro Pires estão à venda por quatro mil euros.

“Tento apagar essas questões pós-coloniais. É só um corpo”, diz o artista Januário Jano, que vive entre Luanda e Londres, sobre a obra *Vitruviano*, uma instalação com 32 fotografias e um objecto que pertencia à sua avó à venda por 14 mil euros na *This is Not a White Cube*. “Nunca sabemos se é homem ou mulher, negro ou branco. O que é que vamos ser no futuro?”, acrescenta. Na mesma galeria, há uma pintura do angolano Cristiano Mangovo à venda por sete mil euros; no ano passado, o artista atingiu os 32.500 euros num leilão da francesa Piasa. Mas a directora da galeria, Sónia Ribeiro, diz que não se pode guiar apenas pelos recordes dos leilões, reconhecendo que os preços na feira estão mais baixos.

“Basta olhar para o mapa da Península Ibérica para perceber como Portugal e Espanha precisam de África e da América Latina. Se não houver o Sul nós somos periféricos. Só somos o centro com estas ligações. Faltavamos algo que nos distinguisse num mundo cheio de feiras”, diz Cristina Guerra, em cuja galeria podemos ver uma pintura do angolano Yonamine (32 mil euros) e obras da luso-africana Ângela Ferreira (uma escultura por dez mil), como a própria se define.

“It’s a good thing”

António Pinto Ribeiro, um programador pioneiro na relação com África, receia que esta possa ser “uma presença fetichista”, diz-nos numa conversa telefónica. “Independentemente das boas intenções, [o programa África em Foco] pode ser mais prejudicial do que benéfico, porque olhando para o número de galerias e para o perfil delas é uma presença bastante neolusotropicalista.” Destaca a presença da Momo e da *This Is Not a White Cube*, mas lamenta que não estejam outras. “Por que é que não trazem mais galerias e artistas da Nigéria, do Congo, de Marrocos, do Egipto, da África do Sul? Por que não estimular os galeristas portugueses a trabalharem com artistas africanos ou com África? Que relação é que têm as instituições portuguesas viradas para as artes visuais com artistas de origem africana? Há uma relação de clichés ou quase nenhuma. Para que mercado é que estes galeristas vão trabalhar?”

“

Além das questões de género, o que está na moda é a arte que aborda os problemas de raça. E Lisboa permite fazer conexões com tudo o que é África

Ângela Ferreria
Artista

O programa [África em Foco] pode ser mais prejudicial do que benéfico porque é uma presença bastante neolusotropicalista

António Pinto Ribeiro
Programador

Os artistas e galeristas de Luanda e de Maputo conhecem o contexto lisboeta, passando alguns por aqui no seu caminho de internacionalização

Paula Nascimento
Curadora do
África em Foco

Com um passaporte também sul-africano, Ângela Ferreira nota a ausência de galerias históricas como a Goodman, que abriu em 1966 em Joanesburgo e representa nomes como a portuguesa Grada Kilomba, ligada à diáspora africana, ou com o peso do sul-africano William Kentridge. Ela, que já foi representada pela galeria Stevenson, outra referência na África do Sul, justifica a proeminência de Angola por ser o único dos países lusófonos que já conseguiu fazer ingressar a sua arte contemporânea no mercado global: “Angola está no ponto da internacionalização total. Os seus agentes não precisam de falar português para entrarem no mercado global; já Moçambique e a Guiné ainda precisam de canais como a ARCOLisboa.” Não vê, para já, nenhum contra no programa que já foi apresentado pela feira: “*It’s a good thing*. Mas feiras são feiras, é para vender arte.”

Esta não é a primeira vez que se tenta que Portugal funcione como porta de entrada para África. Há mais de uma década, com a desaparecida feira Arte Lisboa, procurou-se, de uma forma muito incipiente, que Portugal fizesse essa ponte, com o convite pontual a uma ou outra galeria lusófona. “Mas a ARCO, com a experiência de Madrid, tem um poder de manobra muito maior na globalidade da arte contemporânea”, defende Ângela Ferreira. “A ARCOMadrid não é a feira mais importante, como a ArtBasel, [Suíça], mas é bastante relevante.” Dada a relação com a América Latina, “eles já estão habituados a trabalhar com o Sul global à escala de um continente”, nota, o que pode ajudar a definir um modelo focado em África para Lisboa.

As feiras concorrentes da ARCOLisboa com um foco em África têm crescido na última década, afirma a curadora. “A 1-54 é talvez a mais importante, com o seu projecto para dar a conhecer as galerias do continente e o contexto em que é produzida a arte africana. Desde 2013, tem edições anuais em Londres, Nova Iorque e Marraquexe. Há também as feiras de Joanesburgo, mais antiga, e da Cidade do Cabo, que cresceu muito na última edição. Em Paris, há ainda a AKA – Also Known as Africa, que foi criada em 2016 com o objectivo de mostrar a globalização do continente.”

isabel.salema@publico.pt.pt

